

*In: Anais do VIII Encontro Nacional de
Professores Universitários de Língua,
Literatura e Cultura Japonesa, Centro de
Estudos Japoneses, Universidade de São
Paulo, 1997, p. 97-102.*

ANTROPOLOGIA, CULTURA JAPONESA E AS TEORIAS *NIHONJINRON*

Ronan Alves Pereira

A idéia de realizar esta Oficina me surgiu em consequência de um comentário feito por uma participante do nosso Encontro do ano passado. Segundo essa pessoa, no Brasil não há “cultura”: há influências e elementos das culturas européia, indígena e africana; mas ainda não temos uma cultura formada, sedimentada, “tradicional”. Diante de tal alegação, a pessoa sugeriu que a “missão” dos imigrantes japoneses e seus descendentes seria a de transmitir aos brasileiros a “cultura japonesa”, tanto a cultura material quanto a espiritual (porque lá no Japão, sim, há “cultura”). (Tal comentário suscitou, na ocasião, uma resposta espirituosa e bem fundamentada da profa. Meiko Shimon.)

Esse incidente me deixou a pensar sobre o nível das pesquisas relativas ao Japão realizadas no Brasil. Constatei que:

- a) essas pesquisas estão, com freqüência, atreladas a profundas necessidades psicológicas, ideológicas e de afirmação da identidade;
- b) as pesquisas são feitas, por vezes, alheias ao que se faz fora do Brasil, onde tem havido um debate mais crítico e aprofundado do tema; e
- c) como consequência disso, vários temas que já não são considerados “tabu” no Japão ainda o são no Brasil (por exemplo, o sistema imperial, a situação das minorias sociais como os *burakumin*, e outros); ou ainda, diversas perspectivas que mistificam a identidade dos japoneses e que já foram superadas no debate acadêmico continuam a vingar entre nós;
- d) depois, com exceção das teses de pós-graduação, no Brasil não é grande o número de estudos que se alinham com os quesitos metodológicos e teóricos de uma dada disciplina;
- e) por fim, sobretudo nas ciências sociais, há uma tremenda falta de continuidade: muito freqüentemente podemos encontrar autores que trabalharam com algum

tema relacionado ao Japão, abandonando posteriormente tal tópico de pesquisa, nunca ou raramente retornando a ele (a exceção mais notável talvez se faça no campo da língua e da literatura japonesas, onde tem havido uma fidelidade maior dos pesquisadores ao tema).

Feitas essas considerações, gostaria de coordenar essa oficina dividindo-a em duas partes: primeiro quero propor uma atividade, se possível com a participação de todos, no sentido de discutirem em grupo algumas questões (O que lhes ocorre ao pensarem em “cultura japonesa”? Citem três aspectos que vocês identificam como os mais representativos da “cultura japonesa”. Como vocês entendem a influência da China e dos Estados Unidos sobre o Japão? Vocês percebem alguma diferença entre a “cultura japonesa” no Japão e na colônia nipo-brasileira? Qual? O que é cultura?), depois de comentar o resultado das discussões em grupo, farei algumas colocações sobre as teorias *nihonjinron*.

Como todos os povos, os japoneses também procuraram e procuram explicar-se a si próprios na tentativa de formar sua identidade como povo, como nação. Nessa busca da identidade é comum que se crie uma visão etnocêntrica. Podemos perceber esse processo já nos primeiros clássicos japoneses como o *Kojiki* (*Crônica das Coisas Antigas*), o *Nihongi* (*Crônicas do Japão*) e em outros registros antigos que descrevem a etnogênese dos japoneses, registram os costumes de cada região e fatos que vão “construir” a história de um povo descendente dos *kami* (deuses xintoístas). Em épocas mais recentes, temos o surgimento de estudos exegéticos, melhor exemplificados pelo movimento *Kokugaku* (*Estudo dos Clássicos Nacionais*), que surgiu de uma necessidade de se afirmarem a identidade do povo japonês e o caráter único da cultura japonesa. Como expoente máximo desse movimento está o pensador sempre citado Motoori Norinaga (1730-1801), que passou trinta anos estudando o *Kojiki* na vã utópica de encontrar os valores, a pureza e a “ordem natural das coisas”, que supunha ter existido na era em que os *kami* originais viviam no arquipélago nipônico. Para ele, tudo o que é genuinamente nativo do Japão é puro, e tal pureza foi contaminada e desvirtuada pela influência chinesa, sobretudo através do Budismo e do Confucionismo.

Essa corrente de pensamento influenciou sobremaneira a vida intelectual dos japoneses até, pelo menos, a Segunda Guerra. Podemos citar, por exemplo, que um dos pilares da obra de Yanagita Kunio (1875-1962), considerado o “pai” dos estudos folclóricos no Japão, era exatamente a escola *Kokugaku*. Se o Estudo dos Clássicos Nacionais estabeleceu sua identidade simultaneamente ao rejeitar o pensamento chinês (*kara-gokoro*) e buscar num passado longínquo orientações para vários aspectos da cultura nipônica, Yanagita também forjou suas idéias na tentativa de resistir à inundação da cultura ocidental sobre a sociedade japonesa, na passagem para esse século, e procurou nas crenças autóctones os elementos que seriam elos para unificar o povo japonês no contexto de bruscas e rápidas mudanças estruturais.

Em termos gerais, essa vasta literatura que visa a entender os japoneses e seu sistema sócio-cultural é conhecida por vários termos, como *nihonjinron*, *shinjudoron*,

nihonbunkaron, *nihonshakairon* ou simplesmente *nihonron*. O termo *nihonjinron*¹ (literalmente, *nihonjin*, “japoneses”; e *ron*, “estudo, tratado, teoria”), num sentido mais restrito, refere-se a um *boom* de publicações de estudos sobre caráter nacional no Japão nos últimos 40 anos. Os autores desses discursos sobre os japoneses não são apenas acadêmicos, como também jornalistas, empresários, políticos, artistas ou romancistas. Portanto, o conteúdo desses textos pode tanto estar fundamentado em pesquisa empírica quanto na experiência existencial do autor ou nos desvarios de sua imaginação. Na tentativa de se definir a especificidade do povo japonês, recorre-se a documentos clássicos, a materiais folclóricos, a crônicas históricas, a diários de viajantes, e até a resultados de pesquisas acadêmicas.

As *nihonjinron* partilham algumas características básicas: a) acredita-se que os japoneses constituem uma entidade racial, homogênea social e culturalmente, cuja essência é virtualmente imutável desde a pré-história até os nossos dias; b) tem-se a convicção que os japoneses diferem de todos os povos conhecidos, porque são frutos de uma sociedade singular, inigualável, muito diferente (para expressar esse caráter ímpar de sua sociedade, os japoneses usam diversas palavras como *dokutoku* ou distinta, *dokuji* ou original, *tokuyu* ou singular, *tokushu* ou peculiar, *tokusei* ou característico, *koyu* ou intrínseco/inato); c) seus mentores são conscientemente nacionalistas, tendendo a menosprezar e às vezes hostilizar qualquer análise externa (não japonesa) de sua cultura; d) a sociedade e a cultura são tidas como uma entidade holística, que pode ser explicada a partir de uma ou várias características (daí ser muito frequente a publicação de textos e livros sobre temas como o cérebro, o nariz ou o sangue dos japoneses); nesse caso, a cultura é considerada a infra-estrutura, enquanto os fenômenos sociais, econômicos ou políticos são sintomas dessa cultura imanente (é o que se chama “determinismo” ou “reduccionismo cultural”).

A linguagem e a forma de comunicação têm constituído um dos pilares da tentativa de descrever o Japão como uma cultura singular. Nessas teorias, o modo de comunicação dos japoneses é caracterizado como taciturno, ambivalente, não-lógico, emocional e com uma ética situacional; o que contrastaria com o modo ocidental, caracterizado pela eloquência, lógica dicotomizada, racionalidade, princípios rígidos e uma certa “frieza”. O outro pilar teórico das *nihonjinron* é o sócio-cultural: a estrutura social do Japão é caracterizada aqui pelo “grupismo” ou “interpersonalismo”, pela verticalidade das relações humanas e instituições, e pela dependência entre as pessoas (isso, mais uma vez, em contraste com as sociedades ocidentais, nas quais predominam o individualismo, a horizontalidade e a independência).

Trabalhos folclóricos e antropológicos, como os de Yanagita Kunio e Ishida Eiichirō, foram muito utilizados para justificar certas teorias sobre a especificidade dos japoneses. Mas, têm-se reconhecido que um dos maiores marcos no estudo sobre os japoneses é o clássico *O Crisântemo e a Espada*, da antropóloga americana Ruth Benedict. Com base em seus pressupostos teóricos sobre “padrões de cultura”

1. As observações sobre as *nihonjinron* expressas aqui resumem algumas colocações de Dale (1986), Mouer e Sugimoto (1986), Tamotsu (1990, 1994) e Yoshino (1995).

e “relativismo cultural”, e almejando responder as perguntas “O que é o japonês? O que é a cultura japonesa?”, Benedict caracterizou o Japão como uma “cultura da honra” (*shame culture*), na qual “os indivíduos são controlados pela ameaça social à honra e à reputação pessoal”, em contraste com o Ocidente, dominado pela “cultura da culpa” (*guilt culture*), na qual os indivíduos são controlados através de sanções internas contra a violação dos códigos morais. Não obstante as críticas recebidas por japoneses e não-japoneses, a perspectiva holística de Benedict, tentando descrever o Japão como um todo racional apesar de todos os paradoxos e contradições apontados por seus precursores, causou um impacto incomensurável nos estudos japoneses subsequentes.

Antes de Benedict publicar seu livro sobre o Japão, houve o trabalho pioneiro de John Embree. Mas foi a partir de Benedict que os antropólogos se lançaram ao trabalho de tornar os japoneses “familiares” para os demais povos e de romper com a idéia, até então corrente, de que os japoneses são exóticos, inescrutáveis e ininteligíveis. Entretanto, os trabalhos antropológicos serviram tanto a esse propósito quanto a seu oposto. Ou seja, a perspectiva holística da maioria dos antropólogos se identificava, por vezes, com o funcionalismo, enfatizando a integração social. Daí foi apenas um passo para que se pintasse um quadro da sociedade japonesa como sendo harmônica e uniforme, com excepcional ênfase no grupo e no consenso. As idiosincrasias individuais, os conflitos e os grupos marginais, interpretados como aberrações, pareciam não ter muito espaço nesse contexto. Essa linha de pesquisa foi difundida e aceita por muitos, sobretudo a partir do início da década de 70, com traduções para o inglês das obras de Nakane Chie (“Tate-shakai no Ningen Kankei”), Doi Takeo (“*Amae no Kôzô*”), Bendasan Isaiah (“*Nihonjin to Yudayajin*”) e de outros.

As teorias *nihonjinron* mudaram com o passar do tempo. Por exemplo, no Japão pré-guerra era muito comum estudos sobre tipos sangüíneos com o fito de classificar os “tipos raciais” e para comprovar a alegação de que japoneses e coreanos são de “raças” diferentes; no Japão pós-guerra, revistas de grande circulação continuam a alimentar o interesse por tipos sangüíneos, só que, agora, com características próximas ao interesse por horóscopo entre nós (ou seja, para se conhecer melhor as habilidades pessoais, a personalidade etc.). Com relação a mudanças nas *nihonjinron*, o antropólogo Aoki Tamotsu distingue quatro fases principais no pós-guerra:

1945-1954: fase caracterizada pela avaliação negativa das peculiaridades do Japão (dado o interesse pela democratização do país, criticava-se muito o seu legado feudal).

1955-1963: coincidindo com a recuperação econômica, surge a consciência da necessidade de se relativizar a história do Japão; percebia-se que sua cultura era híbrida, uma mistura do Oriente com o Ocidente, mas com valores próprios.

1964-1983: a cultura peculiar do Japão passa a ser valorada positivamente, visto que seria precisamente essa peculiaridade a responsável pelo sucesso econômico e industrial do país.

1984 em diante: dadas as críticas externas e os problemas internos, os temas principais dessa fase são “internacionalização” e “reforma”.

Dos anos 80 em diante, o Japão passa a ser alvo de críticas em várias frentes, desde a diplomática à acadêmica, passando pela econômico-comercial (vide os “atrios comerciais” com os EUA). Nesse contexto, também ocorreram muitos debates, acompanhados de publicações, criticando as *nihonjinron*. Foi identificado um enorme fundo ideológico na “psicologia do *amae* (dependência)”, na teoria da “sociedade vertical” ou na “cultura do consenso”. Embora apresentassem um comportamento voluntário, espontâneo e submisso, “os japoneses não eram [mais] vistos como trabalhando ativamente ou positivamente para promover o consenso, mas como respondendo passivamente à insistência ideológica daqueles em posição de autoridade” (MOUER e SUGIMOTO 1986:15). Como as *nihonjinron* são majoritariamente produtos ideológicos da elite intelectual e econômica, nem sempre elas expressam o ponto de vista das minorias sociais (com destaque para as mulheres) e daqueles que estão fora do esquema das grandes empresas e dos grandes sindicatos. Por fim, como ideologia que enfatizam a coesão grupal e negligenciam as classes, as diferenças sociais e os conflitos, elas se prestam mais ao serviço do *establishment* governante.

Observações Finais

Mas o que essas considerações todas teriam a haver conosco? O que podemos aproveitar dessas críticas?

1. Como disse no início, parece-me que muitas das nossas pesquisas são levadas a cabo totalmente alienadas dessa importantíssima discussão crítica das *nihonjinron*. Daí a minha sugestão no sentido de que discutamos mais essa perspectiva e que atualizemos a bibliografia dos nossos cursos, sobretudo de cultura e literatura japonesas, incluindo essa abordagem mais crítica.
2. Devo reconhecer também que muitas das nossas atividades estão na linha do que Neustupny (1993) chama de “Japonologia”: trabalhos na forma de ensaio, sem muito compromisso com teoria ou metodologia. Ou seja, alinhavam-se uma série de informações sem a preocupação em se definirem os parâmetros teóricos do trabalho.
3. Considerando que os estudos japoneses estão defasados em várias áreas no Brasil, acredito que deveríamos unificá-los mais, no sentido de incrementarmos a circulação e a organização de informações e de planejarmos estudos e pesquisas maiores, de peso (como, por exemplo, a tão esperada gramática japonesa em português ou dicionários português-japonês-português).

Bibliografia

AOKI, Tamotsu. “*Nihonbunkaron*” no *Henyô: sengo nihon no bunka to aidentitii*. Tokyo, Chuôkônsha, 1990.

- _____. "Anthropology and Japan: Attempts at Writing Culture". *The Japan Foundation Newsletter*, vol. XXII, n. 3, 1994, pp. 1-6.
- DALE, Peter. *The Myth of Japanese Uniqueness*. London, Croom Helm, 1986.
- MOUER, ROSS e SUGIMOTO, Yoshio. *Images of Japanese Society – A Study in the Social Construct of Reality*. London/N. York, KPI, 1986.
- NEUSTUPNÝ, J. V. "Japanology and Beyond". *The Japan Foundation Newsletter*, vol. XXI, n. 1, 1993, pp. 9-12.
- YOSHINO, Kosaku. *Cultural Nationalism in Contemporary Japan*. London/N. York, Routledge. 1995.